



Territorialidade e hip-hop em Natal/RN: a música como prática de reexistência entre jovens periféricos.

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: SA-2. Educação Musical

Ana Clara da Silva Ponciano
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
claraponciano9@gmail.com

Mário André Wanderley Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
mario.andre@ufrn.br

Resumo. Esta comunicação trata-se de um um recorte de dissertação de mestrado em Música que contemplou a relação entre a dimensão formativo-musical e os processos de territorialização da Batalha do Nova, uma manifestação cultural urbana situada na Zona Norte de Natal/RN, entendendo como o uso do espaço público se configura como um instrumento para fortalecer o pertencimento de sujeitos periféricos em seus locais. Assim, neste texto, um dos objetivos é investigar a territorialização do espaço de uma praça pública, pelo hip-hop, como prática de de "r-existência" e afirmação local. Como aporte teórico, o conceito de multiterritorialidade (Haesbaert, 2004), as categorias de "pedaço" (Magnani, 2013; 2016), de "musicking" (Small, 1998) e outras perspectivas sobre o hip-hop como prática essencialmente territorializada, corroboram para a compreensão performance artística do movimento enquanto atividade sociocultural e política que articula e produz territorialidades. Na metodologia, o estudo baseia-se em uma perspectiva etnográfica de análise e inserção, ressaltando que uma praça pública se transforma em arena de significados e saberes urbanos, onde o hip-hop se desenvolve de modo formativo-musical, como dispositivo de afirmação, resgate e produção de território.

Palavras-chave. Hip-hop; Formação musical; Territorialidade.

Territoriality and hip-hop in Natal/RN: music as a practice of resistance among young people from the periphery.

Abstract. This communication is an excerpt from a Master's thesis in Music that explored the relationship between the formative-musical dimension and the territorialization processes of Batalha do Nova, an urban cultural manifestation located in the North Zone of Natal/RN, understanding how the use of public space is configured as an instrument to strengthen the belonging of peripheral subjects in their localities. Thus, in this text, one of the objectives is to investigate the territorialization of the space of a public square by hip-hop as a practice of "r-existence" and local affirmation. As a theoretical contribution, the concept of multiterritoriality (Haesbaert, 2004), the categories of "piece" (Magnani, 2013; 2016), of "musicking" (Small, 1998), and other perspectives on hip-hop as an essentially territorialized practice, corroborate the understanding of the artistic performance of the movement as a sociocultural and political activity that articulates and produces territorialities. In terms of methodology, the study is based on an ethnographic perspective of analysis and insertion, highlighting that a public square transforms into an arena of urban



meanings and knowledge, where hip-hop develops in a formative-musical way, as a device for affirmation, recovery, and production of territory.

Keywords. Hip-hop; Musical training; Territoriality.

Introdução

O movimento hip-hop, historicamente, se consolidou como um espaço de resistência cultural, política e territorial de jovens negras e negros, oriundos das periferias, lutando contra opressões e a segregação que assolavam suas vidas, tendo um propósito: “canalizar energias que poderiam estar voltadas à criminalidade centralizando-as na produção artística” (Andrade, 1999, p. 86).

Das *house parties* (festas em casa), organizadas por Cindy Campbell e seu irmão DJ Kool Herc, precursores do movimento, consideradas momentos de diversão e alegria, em um contexto adverso e doloroso (Lipset; Ellis, 2024, p. 21), perpassando pela mobilização juvenil coletiva na defesa de seus direitos, até a consolidação dessa manifestação cultural e política amplamente dissipada na indústria e nas ruas, foi por meio do hip-hop que muitos jovens periféricos tomaram consciência, se apropriaram e produziram novas formas de ocupação de seus territórios a partir da arte urbana.

Desse modo, o hip-hop se articula como um vetor para debater a ocupação de territórios a partir das formação de vínculos, afetividades e produção simbólica. Nesse sentido, a partir dessa construção, as juventudes disputam os modos de pensar e experienciar o lugar na formação de laços no enfrentamento de conflitos (Tostes, 2017, p. 42). No contexto desta pesquisa, derivada de minha dissertação de mestrado, discuto, como, no contexto brasileiro, situado na Batalha do Nova em Natal-RN, os resultados evidenciam como jovens *hip-hoppers* transformaram o espaço de uma praça pública em potência territorial, imbuída de sentidos e significados, de afirmação e apropriação.

A pesquisa está situada na cidade de Natal-RN e teve como objeto de estudo a Batalha do Nova, que ocorre em um conjunto habitacional chamado Nova Natal, do bairro de Lagoa Azul, na Zona Norte do município. Os encontros dos jovens *hip-hoppers* se concentram em uma praça pública, chamada praça do Nova Natal. Esse lugar é defendido como “lar” pelos sujeitos e revela como a batalha de rima se configura enquanto potência formativa de novas territorialidades.





O movimento hip-hop na produção de territorialidades

No curso da história, o hip-hop, foi construindo sua identidade e fortalecendo a sua atuação e influência na trajetória de inúmeros indivíduos. Nomes como Afrika Bambaataa foram fundamentais para a organização de coletivos e, por meio de sua inserção nas gangues, utilizar da energia desses grupos para formar um grande movimento “que aos poucos se tornou uma força positiva, uma filosofia de vida” (Silva, 2018, p. 44) e assim definir os quatro elementos artísticos que conhecemos: o MC, o DJ, o *b-boy* e a *b-girl* e o grafitti.

Entender o hip-hop enquanto expressão que mobiliza a produção de territorialidades, é tomar como ponto de discussão sua inserção, histórica e fortalecida, na trajetória de jovens subalternos. No campo da indústria cultural, o movimento ganhou espaço com as primeiras produções musicais que traziam a identidade dos elementos artísticos do hip-hop e repercutiu fortemente para sua abrangência no cenário musical

O crescimento do movimento também gerou debates entre os *hip-hoppers*, acerca do circuito *mainstream* e *underground*, uma vez que “levanta questões sobre a noção que os *rappers* têm do *hip-hop* enquanto movimento e a necessidade de uma coerência da integridade, postura e autobiografia dos artistas com os ideais do movimento” (Araújo Júnior, 2022, p. 28-29). Essa discussão também é trazida por bell hooks, como no ensaio *Sexism and Misogyny: Who Takes the Rap?* (1994), em que problematiza a misoginia presente em letras de rap, como parte de uma cultura patriarcal enraizada, destacando como estruturas sociais fomentam o uso e manutenção desse discurso, sobretudo quando se utilizam destes para a criminalização de jovens negros e periféricos. No que tange à sua articulação enquanto movimento independente, os *hip-hoppers* reforçam que a cultura como circuito *underground*, se configura enquanto instrumento de revolução das práticas e mudança de paradigmas, principalmente em sua inserção significativa na transformação de trajetórias juvenis.

No Brasil, a música negra norte-americana chega com aspectos culturais e simbólicos que se integram ao país. Os chamados “bailes black”, eram espaços de socialização e aglutinação de jovens, como também influenciaram política e esteticamente (Norberto, 2021). Assim, o hip-hop se integra ao contexto brasileiro e acolhe um público que trazia demandas semelhantes à dos EUA: jovens periféricos em situação de precariedade, preconceitos, abuso de poder, constante violência e extrema pobreza. Em suma, o movimento hip-hop “representava, em sua essência, o povo negro nos contextos urbanos, por suas letras carregadas de sentido étnico e de pertencimento” (Silva, 2018, p. 51).





A territorialidade se manifesta no hip-hop brasileiro, diante do seu contexto de ocupação, as ruas. O espaço público se torna o lugar democrático e de fácil acesso para todos, de modo que, praças, viadutos e outros equipamentos, foram locais de propagação cultural e organizacional. Alguns nomes como Nelson Triunfo, foram fundamentais para a mobilização e articulação de grupos, que se fortaleceram na consolidação do movimento no cenário brasileiro: “os encontros da estação São Bento são considerados de maneira consensual como o local onde ocorreram os primórdios do que viria a ser o hip-hop em São Paulo e no Brasil” (D’Andrea, 2013, p. 67).

Para Pereira e Fischer (2023), o hip-hop é “um movimento simultaneamente político, artístico, educacional e cultural, atravessado por questões de gênero, presença negra e luta por paridade social em todos os sentidos” (Pereira; Fischer, 2023, p. 2). Sua articulação nas periferias brasileiras, denota como essa expressão, abrange a realidade de diversos sujeitos que residem nas periferias brasileiras, para tanto, é imprescindível fazer uma leitura do hip-hop no campo interseccional, como propõe Collins e Bilge (2020), ao afirmarem que o hip-hop age enquanto um espaço contestador de problemáticas sociais e de ativismo, devendo ser lido através de marcadores sociais como gênero, classe e raça no processo de consciência e comportamento político (Collins; Bilge, 2020, p. 194).

Dessa maneira, ao trazer para a perspectiva das batalhas de rima, construídas historicamente em um cenário de ocupação territorial, entendemos como esses espaços se revelam enquanto práticas de existência e re-existência territoriais e simbólicas. O espaço público é ressaltado como vetor para a afirmação territorial e de identidades juvenis no hip-hop, além de possibilitar que todos tenham voz e direito:

Tanto os mais consagrados quanto os aspirantes tinham espaço para participar das batalhas, ou seja, o pátio do metrô era um espaço público e os jovens ali faziam usufruto desse direito. Era um espaço democrático, todos podiam participar. Era um espaço de troca de informações, troca de material e configurava-se, portanto, como espaço de socialização (Silva, 2018, p. 57).

A trajetória do movimento hip-hop evidencia a sua prática e essência com bases políticas e revolucionárias para a vida de jovens periféricos, ao apresentar alternativas, diante das mazelas e opressões vivenciadas pelas camadas populares, constantemente estigmatizadas e marginalizadas pelo sistema vigente. Desse modo, a literatura oferece pistas para o debate acerca das batalhas de rima enquanto espaços de prática e produção territorial, onde jovens *hip-*





hoppers, por meio da música, reafirmam suas identidades e a relação com o local onde residem e/ou ocupam.

A batalha de rima como prática musical territorializada

Nas batalhas de rima, jovens *hip-hoppers* encontram a oportunidade, por meio de seus versos, de refletirem, denunciarem e expressarem suas opiniões em forma de música. No rap, podem tensionar o debate e estabelecer um diálogo que expõe questões sociais emergentes, sobretudo, na conjuntura brasileira, em que a falta de acesso e possibilidades de vivência do território evidenciam a existência de um país perverso e desigual (Fonseca, 2023, p.70). Small (1998), nos ajuda a entender a batalha de rima como uma atividade social também dotada de regras e relações e identidades praticadas, a partir do conceito de *musicking*, como forma de compreender a produção de territorialidades imbricadas ao fazer sonoro.

Desse modo, aspectos de produção e afirmação territorial são reveladas na prática de dos *hip-hoppers*, ao passo que, tomam como responsabilidade e se reconhecem dentro de uma realidade social excludente e que assola suas existências. Para ancorar essa discussão, compreendemos o espaço das batalhas de rima enquanto locais de desenvolvimento da performance artística, mas também como atividade sociocultural e política que articula e produz territorialidades. Assim, juventudes culturalmente ativas, problematiza, por meio das rinhas, a estrutura socioespacial e as condições de precariedade vivenciadas por jovens periféricos (Neto, 2013, p. 7).

Haesbaert (2004), traz o conceito de multiterritorialidade para pensar a articulação dos territórios enquanto redes que atuam de modo indissociável entre o domínio material e a apropriação simbólica. Assim, no movimento hip-hop, essa ocupação do local físico se revela nas relações de afetividades, vínculos e simbolismos. Os jovens, quando interagem com o espaço do território, renegociam seus modos de viver e experienciar a vida urbana, bem como, constroem novos arranjos territoriais a partir da conquista desse lugar, negado, muitas vezes, à juventude pobre (Neto, 2013, p. 5).

Magnani (2013; 2016), discute a noção de “*pedaço*”, para se referir a um local de trocas e encontros, onde há regras e códigos que permitem a interação entre “iguais”. Ser do “*pedaço*” é participar, vivenciar e integrar um local dotado de condutas que revelam essa identidade. Nesse sentido, na prática dos *hip-hoppers*, as batalhas de rima e o movimento como um todo são esses “*pedaços*”, nos quais pertencem. O autor, cita ainda, o exemplo de grupos organizados como torcidas de futebol, onde pode existir um discurso ou ordem que orientam





suas condutas, como por exemplo, no lema “lealdade, humildade, proceder”, referenciando a uma ordem ou regra para ser e permanecer naquele “*pedaço*” (Magnani, 2016, p. 188).

Como afirmação de suas identidades e trajetórias, por meio da música, os *hip-hoppers*, trazem a sua prática, totalmente conectada com as relações que produzem em seus territórios e como modo de fortalecimento do movimento hip-hop. Dessa maneira, ocorrem processos de formação musical no contexto das rimas, a partir dos próprios elementos que constituem esses espaços, um deles, é a construção de saberes e a construção do discurso, uma vez que “a palavra é alimentada pelo conhecimento. E a palavra é o principal material do MC” (Silva, 2018, p. 72).

A prática musical não revela somente a constância e o desenvolvimento performático dos *hip-hoppers*, mas evidencia um entrelaçamento com a ocupação do espaço público, desse modo, a música não atua apenas como um vetor, mas como parte principal das dinâmicas de apropriação territorial e de afirmação identitária, pois “[...] as práticas de Educação Musical nesses espaços populares de cultura negra contemporânea são de suma importância para a afirmação dessas identidades e fortalecimento das culturas e dos saberes populares e, nesse caso, os saberes das ruas” (Silva, 2018, p. 33).

Os elementos técnicos presentes no espaço das batalhas de rima, são considerados como “fundamentos” para a construção poética e musical do MC. A consciência e discurso são trazidos para a forma da rima, e então, propagado pelos versos, nem sempre há um refrão ou uma estrutura rígida como padrão para as composições, mas uma flexibilidade que favorece o exercício de liberdade e expressão pela rima.

Neste contexto, os *hip-hoppers* ressaltam a batalha como lugar de amor, de cura e intimidade (Collins, Bilge, 2020, p. 195), onde a dimensão do afeto e da resistência cultural se relacionam com a prática musical que realizam e constroem coletivamente como filosofias de vida e poéticas de sobrevivência. Assim, ao situarmos as batalhas de rima como experiências musicais territorializadas, evidenciamos sua essência engajada e de transformação por meio da palavra, assim, a musicalidade é vivida e compartilhada.

Metodologia

A pesquisa, de abordagem qualitativa, teve como perspectiva de inserção e atuação, uma abordagem de estudo de caso do tipo etnográfico (Larchert, 2017), com contribuições da Etnografia de Rua (Eckert; Rocha, 2003), de modo a compreender as relações desenvolvidas no campo de investigação. Com uma postura de análise ancorada nas práticas permeadas no

campo, a etnografia, permitiu observar, não só o relato dos participantes, como também o que foi vivido e performado nas interações dentro do espaço investigado.

Tendo a rua como objeto de análise, mais precisamente no espaço da Praça do Nova, foi possível compreender como “a cidade é igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência” (Eckert; Rocha, 2003, p. 1). Desse modo, reconhecemos as batalhas de rima como práticas que estão enraizadas nas dinâmicas urbanas e comunitárias, assim:

A intenção não se limita, portanto, apenas a retornar o olhar do pesquisador para a sua cidade por meios de processos de reinvenção/reencantamento de seus espaços cotidianos, mas capacitá-lo às exigências de rigor nas observações etnográficas ao longo de ações que envolvem deslocamentos constantes no cenário da vida urbana (Eckert; Rocha, 2003, p. 4).

Os procedimentos de coleta e produção de dados foram observação participante (Boni; Quaresma, 2005), com registro em diário de campo (Gerhardt, et. al, 2009) e na segunda fase da pesquisa, a realização das entrevistas semiestruturadas (Guazi, 2021; Triviños, 1987), com vistas a compreender os processos de formação musical revelados na prática dos *hip-hoppers*. As entrevistas foram realizadas com três pessoas envolvidas com o movimento, MC *Grito*, Frizzy e Fernanda, buscando captar suas experiências e percepções sobre a Batalha do Nova, as suas vivências e trajetória no movimento hip-hop e como as batalhas se articulam enquanto locais de formação.

No que tange aos aspectos éticos da pesquisa, foi estabelecida uma relação colaborativa e transparente com os participantes e todos os registros, materiais audiovisuais, bem como, de coleta e materiais, foi formalizada por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), além da opção de garantia do anonimato de suas identidades, de modo a valorizar suas trajetórias, além do compromisso ético com todos os envolvidos nesta pesquisa (Rocha, 2021).

Resultados

A periferia, na cidade de Natal-RN, se configura como espaço de produção cultural, identitária e de construção de redes de solidariedade e resistência. No contexto do hip-hop na cidade, este ganha relevância, ao passo que se consolidou como uma importante forma de expressão das juventudes periféricas, ao articular suas linguagens artísticas à mobilização sociopolítica.



Nos territórios natalenses marcados por intensas dinâmicas juvenis e por uma efervescência cultural significativa, o hip-hop tem conquistado uma capilaridade e inserção nos bairros periféricos da cidade, sobretudo nas regiões administrativas Norte e Oeste, consideradas as localidades com maior contingente de pessoas pobres da cidade (Rocha, 2018), com grande articulação de coletivos e grupos culturais que disputam e defendem o espaço público e as periferias como seus “pedaços”.

Além disso, as batalhas de rap se destacaram como espaços de sociabilidade e formação musical e por meio das narrativas de seus participantes, como forte exercício da oralidade e afirmação identitária, por meio da rima.

Os resultados desta pesquisa, evidenciam como o território se relaciona diretamente às práticas musicais desenvolvidas no cenário das batalhas de rima. Esses aspectos são defendidos no relato dos interlocutores desta pesquisa, uma vez que ressaltam a Praça do Nova como local de vivências significativas para as suas trajetórias enquanto ativistas do movimento.

A Batalha do Nova atua como um polo de irradiação de novos afetos, pois o fazer musical não é dissociado do lugar; mas sim parte constitutiva dele. Como um espaço para mover as dinâmicas de sociabilidade, a praça é lida como o espaço que transcende a perspectiva de um local público em sua dinâmica funcional e paisagística (Tostes, 2017). Na praça, ocorrem simultaneamente outras atividades, sendo um “elo” entre a Batalha e a comunidade, como ressalta Frizzy: *tem muita gente no mesmo lugar que nós e a gente têm algo em comum com essas pessoas para estar no mesmo lugar que nós escolhemos estar* [Entrevista concedida por Frizzy em 28/03/2025]. Novas relações de afeto e também de afetações se dão, a partir do uso coletivo desse espaço: *Muita gente aqui presta atenção, as crianças param, vão ali, voltam também. Os caras jogando também é a mesma coisa, prestam atenção no que a gente tá fazendo, têm curiosidade* [Entrevista concedida por Fernanda em 28/03/2025].

Dessa maneira, ao ocuparem o espaço, produzem não só relações de apropriação do território, como também fortalecem o vínculo com outros residentes da comunidade, fruto de uma articulação dos *hip-hoppers* na busca por melhorias estruturais para o espaço da praça, defendido como “lar” para eles, como relata o Mc Grito: *Tem momento que a gente chega até 1 hora da manhã e o povo não reclama, não chama a polícia, exatamente por causa disso, porque eu acho que eles viram o lado positivo que a Batalha trouxe aqui para a praça* [Entrevista concedida por Grito em 11/04/2025]. A juventude da batalha já exercia uma “territorialidade de persistência”, ao passo que contribuíram para a manutenção e zelo pelo espaço que utilizam.



A partir do vínculo e estreitamento da relação com os moradores da comunidade, os *hip-hoppers* relatam como o respeito entre eles, possibilitou novas vivências entre eles: *Um bocado de criança ficava rimando... As mães viam e falavam: “Olha, meu filho, vai rimar e tal, eu moro ali em tal canto, se você puder deixar ele lá quando terminar e tal”* [Entrevista concedida por Grito em 11/04/2025]. Esse vínculo também contribui para o propósito de muitos jovens da cena, como destaca Frizzy: *a gente consegue trazer essa pessoa para cá e trazendo ela para cá, pode ser o que aconteceu comigo [...]* [Entrevista concedida por Frizzy em 28/03/2025].

O espaço público é convertido em arena de trocas simbólicas, sendo mais do que um local de passagem. A praça do Nova, é mais do que um simples mecanismo, “[...] é um dos mais emblemáticos exemplares de espaços públicos urbanos e de grande importância para a vida cidadina, caracterizando-se como local de manifestações coletivas de cunho social, político ou cultural” (Tostes, 2017, p. 43).

Para Fernanda, a rua emerge como espaço de significação e é por meio do discurso dos MCs, que se revelam a dimensão política e de articulação do movimento:

[...] o que a gente propõe, as coisas que os meninos querem passar da realidade deles, o que eles querem mostrar, o que eles querem construir, realmente está sendo passado, justamente porque onde a gente faz acontecer, na rua, a galera para e presta atenção de fato [...]
[Entrevista concedida por Fernanda em 28/03/2025].

Desse modo, a Praça do Nova é como um território sonoro e social produzido pelas práticas que nela ocorrem. A Batalha do Nova, ocupa esse lugar e se revela como lugar de memória, circulação de saberes, construção de vínculos e afirmação identitária. Assim, compreender os aspectos de territorialidade permite também entender a dimensão constitutiva dos processos formativos investigados.

Considerações finais

Os resultados evidenciam que o desenvolvimento formativo experimentado pelos interlocutores ocorre simultaneamente à construção e ao fortalecimento de vínculos com o território. A apropriação do espaço público, a partir da relação deles com a praça, é reforçado na referência do lugar como um “lar”. Assim, ao se integrar com os demais moradores da comunidade, os *hip-hoppers*, articulam sua relação com a praça como espaço de encontro, convivência e produção cultural.

Dessa maneira, para compreender os aspectos formativo-musicais da Batalha do Nova, é fundamental, entender a territorialização como um dos principais eixos organizadores da dimensão investigativa, ampliando o debate sobre a formação em espaços não escolares, para que abarque novas perspectivas, para assim, gerar novas compreensões sobre os múltiplos modos pelos quais sujeitos e coletividades aprendem, ensinam e se relacionam com música.

No processo de aprendizagem da rima e no exercício da improvisação, os MCs revelam como o fundamento por eles aprendido, não se restringe apenas ao domínio técnico, mas está envolto em uma coletividade e produção de afetos que se combinam com a ocupação e vínculo territorial. Assim, ao reconhecer as batalhas de rap igualmente como espaços de afirmação territorial e simbólica, compreendemos que as relações sociais nela construídas, dão sentido ao espaço vivido e experienciado pelos *hip-hoppers*.

Referências

ANDRADE, Elaine Nunes de. Hip Hop: movimento negro juvenil. In: ANDRADE, E. N. (Org.) *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999, cap. 6, p. 83-92

ARAÚJO JÚNIOR, Adalberto Almeida de. *Batalha do Coliseu: uma análise das práticas discursivas e simbólicas no rap a partir do espaço universitário*. 2022. 164f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Trad. Rane Souza, 1. ed., São Paulo: Boitempo, 2021.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. 2013. 295 p. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-

Graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/illuminuras/article/view/9160> . Acesso em: 14. jan. 2025.

FONSECA, Silvana Carvalho da. Experiências Periféricas e o Homem Negro na Poética do Racionais. In: VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline Lima. *Racionais: entre o gatilho e a tempestade*. Daniela Vieira, Jaqueline Lima Santos (Orgs.), São Paulo: Perspectiva, 2023. p. 54-80.

GERHARDT, Tatiana Engel; RAMOS, Ieda Cristina Alves; RIQUINHO, Deise Liboa; SANTOS, Daniel Labernarde dos. Unidade 4 - Estrutura do Projeto de Pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.) *Métodos de Pesquisa*. UAB/UFRGS; SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Cap. 4, p. 65-87.

GUAZI, Taísa Scarpin. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. *Revista Educação, Pesquisa e Inclusão*, v. 2, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/rep/article/view/e202114> . Acesso em: 14 de ago. 2024.

hooks, bell. *Sexism and Misogyny: Who takes the rap?* Z Magazine, Boston, 1994. Disponível em: <http://challengingmalesupremacy.org/wp-content/uploads/2015/04/Misogyny-gangsta-rap-and-The-Piano-bell-hooks.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2025.

LARCHERT, Jeanes Martins. O estudo de caso do tipo etnográfico na pesquisa em educação. In: MORORÓ, L.P., COUTO, M. E. S., e ASSIS, R. A. M., orgs. *Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias [online]*. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, pp. 123-141.

LIPSET, Michael B.; ELLIS, David “TC”. Revolutionary Youth Culture: a Brief History of Hip Hop for Educators. In: KELLY, Lauren Leigh; GRAVES, Daren. *The Bloomsbury Handbook of Hip Hop Pedagogy*. Lauren Leigh Kelly e Daren Graves (orgs). Great Britain, 2024, p. 19-37.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos. *Anuário Antropológico*, v.38, n.2, 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Antropologia urbana: desafios e perspectivas. *Revista de Antropologia da USP*, São Paulo, vol. 59, n. 3, p. 174-203, 2016.

NETO, Nelson Turra. Movimento hip-hop do mundo ao lugar: difusão e territorialização, *Revista de Geografia - número especial*, v.1, p.1-11, 2013.

NORBERTO, Rafael Branquinho Abdala. A importância da Black Music para a primeira geração de hip-hoppers brasileiros e a “ausência” dos “Bailes Black” em Manaus (AM). In: SOUZA, Angela Maria de. *Movimento hip-hop na América Latina desde as fronteiras sociopolíticas e culturais*. Angela Maria de Souza, Ronaldo Silva, Janaina de Jesus Lopes Santana (Organizadores). 1. ed. Foz do Iguaçu: CLAE e-Books, 2021. p. 41-54.



PEREIRA, Edir Augusto Dias. A territorialidade e a resistência: subscrição de um conceito, *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 10, n. 1, 2020.

PEREIRA, Jaqueline Trindade; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Lutas e Saberes em Histórias de Casas de hip-hop no Brasil. *Currículo sem Fronteiras*, v. 23, e. 1105, 2023.

PONCIANO, Ana Clara da Silva. *Juventudes periféricas, territorialidade e hip-hop em Natal: um estudo sobre a dimensão formativo-musical da Batalha do Nova*. 2025. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025.

ROCHA, Luís Renato Nogueira da. *Sobre como o poder público resolve a questão da moradia: a urbanização, a remoção e o reassentamento de favelas em Natal/RN (2001 – 2017)*. Natal, 2018. 121f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos Urbanos e Regionais. Natal, 2018.

ROCHA, Virginia. Da teoria à análise: Uma introdução ao uso de entrevistas individuais semiestruturadas na ciência política. *Revista Política Hoje*, abr. 2021.

SILVA, Djenane Vieira S. “*Uma fita de mil grau*”: o movimento hip-hop na construção de identidades culturais e afrodiaspóricas. 155 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SMALL, Christopher. *Musicking: the meanings of performing and listening*. Hanover: University Press of New England, 1998.

TOSTES, Taís Rodrigues de Souza. *Territorialidades no espaço público urbano: uma análise de praças na cidade de Vitória (ES)*. Vitória, 2017. 101f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes. Vitória, 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

